



O SIGNO NÃO VERBAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA SEMIÓTICA

Roberta Del-Vechio de Oliveira e Silva

Universidade Regional de Blumenau, FURB - Mestrado em Educação

Associação Educacional Leonardo Da Vince - ASSELVI

E-mail: rovechio@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o estudo dos signos ficou focalizado na linguagem verbal, seja escrita ou falada. Como comenta SANTAELLA (2000, p.4),

“O mundo está se tornando cada vez mais complexo, hiperpovoado de signos que aí estão para serem compreendidos e interagidos. Já é mais do que tempo de nos livrarmos, de um lado, do preconceito estreito e empobrecedor de que a noção de signo equivale exclusivamente a signo lingüístico, ou seja, de que só signo verbal é signo.”

Na Pesquisa em Educação o signo não verbal pode aparecer de diversas formas. **Na relação professor-aluno**, nos jogos silenciosos, corporais, que revelam um caldeirão de emoções entre alunos e professores, na sala de aula. **Na preparação de uma aula**, na utilização do teatro, do cinema, do videocassete, da imagem e do som como material rico que pode trazer ao ensino uma dinâmica diferente. O signo não verbal **pode aparecer na pesquisa**, na aplicação de questionários, na análise de desenhos feitos por alunos, na atitude de um grupo que está sendo observado por um educador. Enfim, é enorme a profusão de signos distintos dos verbais. SANTAELLA (2000, p.5) comenta que só será possível compreender cada um deles, se for respeitado na sua diferença.

Para que possamos compreender melhor a questão do “real”, da referência, do sujeito, do papel e da representação, teremos que recorrer a contribuição de Charles Sanders Peirce e

seus estudos da tríade da semiose (signo-objeto-interpretante). Para nos ajudar nesta busca, iremos explorar os estudos de Lucia Santaella sobre os signos. Santaella é considerada uma das maiores estudiosas de Pierce no Brasil. A semiótica peirciana é uma teoria lógica e social do signo. A teoria dos signos é uma teoria *sígnica* do conhecimento.

“Todo pensamento se processa por meio de signos. Qualquer pensamento é a contribuição de um outro, para continuar em outro. Pensamento é diálogo. Semiose ou autogeração é, também sinônimo de pensamento, inteligência, mente, crescimento, aprendizagem e vida”. (SANTAELLA, 2000, p.9)

Após uma apreciação teórica sobre a semiótica, faremos em um segundo momento uma abordagem sobre a pesquisa em vídeo, apresentando uma análise semiótica de imagens de vídeo. Entender a teoria dos signos, é compreender melhor, como os fenômenos que nos circundam, que estão presentes na pesquisa educacional, podem ser melhores observados e analisados.

DA FENOMENOLOGIA À SEMIÓTICA

Pierce considerou como entidade experienciável (fenômeno ou *phaneron*), tudo aquilo que aparece à mente.

“...sua noção de fenômeno não se restringia a algo que podemos sentir, perceber, inferir, lembrar ou localizar na ordem espaço-temporal que o senso comum nos faz identificar como sendo o “mundo real”. Fenômeno é qualquer coisa que aparece à mente, seja ela meramente sonhada, imaginada, concebida, vislumbrada, alucinada...Um devaneio, um cheiro, uma idéia geral e abstrata da ciência..Enfim, qualquer coisa.” (SANTAELLA, 2000 ,p.7)

Pierce realizou estudos minuciosos sobre como os fenômenos se apresentam à experiência. “Ele tinha como objetivo detectar e revelar os diferentes tipos de elementos detectáveis nos fenômenos para , a seguir, agrupar esses elementos em classes as mais vastas e universais (categorias) presentes em todos os fenômenos, e por fim traçar seus modos de combinação.” (SANTAELLA, 2000 ,p.7)

Contudo, Peirce chegou à conclusão que só há três elementos formais ou categorias universalmente presentes em todos os fenômenos. São pontos para os quais todos os fenômenos tendem a convergir.

Peirce fixou para as três categorias a denominação de “primeiridade, secundidade e terceiridade” (Apud SANTAELLA, 2002,p.8) “O primeiro está aliado às idéias de acaso, indeterminação, espontaneidade, mônada...O segundo às idéias de força bruta, ação-reação, conflito, aqui e agora, esforço e resistência, díada..O terceiro está ligado às idéias de generalidade, continuidade, crescimento, representação, tríada...” (SANTAELLA, 2000, P.8).

Continuando com o pensamento de SANTAELLA, é na terceira categoria fenomenológica (crescimento contínuo) que irá corresponder à definição de signo genuíno como processo relacional a três termos de mediação, o que conduz a noção de semiose infinita ou ação dialética do signo.

Pierce define a relação triádica do signo , “como sendo aquela própria da ação do signo ou semiose, ou seja, “a de gerar ou produzir e se desenvolver num outro signo, este chamado de “interpretante do primeiro”, e assim *ad infinitum*.” (Apud SANTAELLA, 2000, P.8).

Portanto, um ato interpretativo de um signo, é um caso especial de um **interpretante**, que é de natureza social. Por outro lado, um signo só pode funcionar como tal porque representa, de uma certa forma seu **objeto**.

“O objeto do signo não é necessariamente aquilo que concebemos como coisa individual e palpável. Ele pode ser desde mera possibilidade a um conjunto ou coleção de coisas, um evento ou uma ocorrência até uma abstração ou um universal. No caso da semiose genuína (triádica), o objeto do signo é sempre um outro signo e assim *ad infinitum*”.(SANTAELLA, 2000, p. 9).

SOBRE O SIGNO

A definição mais comum e simplificada de signo é: “**Signo é algo que representa alguma coisa para alguém**”.



Charles Sanders Peirce para explicar o que é o signo, acabou simplificando seu sentido. Mas seu estudo sobre o signo é algo complexo. É na relação signo – objeto- interpretante que Peirce vai realizar seu trabalho.

“Um signo ou *representamen*, é aquilo que , sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente desta pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes denominei *fundamento do representamen*.”

Defino um signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um **Objeto** e, de outro, assim determina uma idéia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o **Interpretante** do signo, é desse modo, imediatamente determinada por aquele **Objeto**. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu **Objeto** e com seu **Interpretante**”. (PIERCE, apud SANTAELLA, 2000 p12-13)

SANTAELLA (2000, p.15) segue com um sinal de alerta, chamando atenção para a definição de signo “qualquer coisa que” ou “alguma coisa que”, a palavra “ coisa” não deve ser tomada como uma entidade necessariamente existente, pois entidades ficcionais, imaginárias, sonhadas, míticas, meramente concebidas e assim por diante, são capazes de ser signos quanto o são entidades que identificamos como sendo, digamos de caráter físico ou histórico. (RANSDELL, apud SANTAELLA, p.15).

Podemos perceber, que a questão do signo é complexa. Umberto Eco em seu livro, “O Signo” (ECO, 1990), faz uma classificação dos signos, apresentando as propostas de vários estudiosos como Sebeok, Barthes, Goffman,, Buysens, Bettetini, Moles, Morris, chegando a Pierce.

A proposta deste trabalho não é fazer um histórico ou comparação da evolução do pensamento sobre o signo. A escolha de Pierce é consciente e deve-se ao fato de tentarmos

compreender os signos não verbais no contexto da Educação. ECO (1990, p. 65-66) observa:

“Todas as classificações até aqui reportadas dependem de um ponto de vista particular – mesmo a de Morris que, por outro lado, tem ambições globalizantes. O único pensador que tentou uma classificação global resumida, foi Peirce...Note-se que esta classificação, para ser inteiramente compreendida, necessita da perspectiva filosófica em que Peirce colocava o problema do signo, de outro modo não se compreende porque é que, por exemplo, um ícone pode ser uma fotografia, uma imagem mental, uma fórmula algébrica; nem se compreende, sem a perspectiva filosófica, porque é que um nome comum pode ser ao mesmo tempo um índice e um símbolo...Referimos contudo, aqui esta classificação porque de facto estas distinções foram e são actualmente usadas fora da sua perspectiva filosófica, não raro impropriamente: assim mesmo quando fogem à compreensão do senso comum, apresentando-se como classificação empírica dos signos, baseada no uso cotidiano.”

A QUESTÃO DO SIGNIFICANTE, DO SIGNIFICADO E DA SIGNIFICAÇÃO

Coelho Neto (In GOMES , 1997, p. 50) , lembra que na Teoria de Saussure (Estudioso da Semiologia e da Lingüística), o signo pode ser analisado em duas partes que compõem: o *conceito* e a *imagem acústica*. Numa língua, as palavras faladas apresentam-se como imagens acústicas que trazem à tona um determinado conceito ou conteúdo. Para tornar mais evidente a oposição entre elas e permitir uma aplicação mais adequada quando o signo não é vocalizado, elas foram substituídas por *significante* e *significado*, respectivamente.

Coelho Neto observa:

“Significante é a parte material do signo (o som que o conforma, ou os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra, ou traços do desenho que representa, por exemplo, um cão). O significado por sua vez, representa o conceito veiculado por esta parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida. Deve-se observar que não há signo sem significante e significado...A significação é a efetiva união entre um certo significado e um certo significante. Em outras

palavras, a significação de um signo é uma questão individual, localizada no tempo e no espaço, enquanto o significado depende apenas do sistema e, sob este aspecto está antes e acima de um ato individual” (NETO, apud GOMES, 1997, p. 50-51).

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O ponto anterior, da significação, leva aos fenômenos da conotação e da denotação de um signo. “De um signo denotativo pode-se dizer que ele veicula o primeiro significado derivado do relacionamento entre signo e seu objeto. Já o signo conotativo põe em evidência significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro, naquela mesma relação signo/objeto.” (GOMES, 1997, p.51)

A conotação está ligada a significação, ao presumível, ao provável, ao não enquadrado. A denotação é sempre uma analogia e uma comparação com o real. Davara Rodrigues comenta:

“A semiótica, desde seus princípios anos, buscou aplicar os procedimentos retóricos a campos distintos aos da linguagem, como o cinema, a arte, a fotografia, a comunicação de massas, esboçando uma nova retórica geral preocupada com os signos e sua sistematização. É possível que os códigos da denotação sejam os produtores da ilusão comunicativa, do chamado efeito da realidade; e os códigos da conotação, tudo aquilo que se oculta atrás dos homens, de seus pensamentos e de suas esperanças”. (RODRIGUES, apud GOMES, 1997, p. 39).

GOMES (1997, p.43) refere-se ao jogo conotativo e denotativo como elementos fundamentais na construção das mensagens e participa do universo simbólico e cultural dos homens, talvez como uma única linguagem.

De fato, o processo de significação que carrega para o significado o sentido conotativo ou denotativo do signo, faz parte das relações humanas, dos jogos de comunicação e produção de sentido.

ÍCONE, HIPOÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO

A literatura que trata do estudo da semiótica apresenta os termos ícone, índice e símbolo como distinções dos signos feitas por Pierce. Segundo SANTAELLA (2000, p.109), a tríade ícone, índice e símbolo diz respeito primariamente à distinção entre três espécies de identidades semióticas que um signo pode ter em razão de três espécies de relações em que o signo pode estar para com o objeto como signo deste objeto.

Ícone

“Se o signo tem uma propriedade monádica (qualidade, primeiridade), então ele é um ícone do objeto. Uma vez que a propriedade monádica é não relacional, a única relação possível que o ícone pode ter com seu objeto, em virtude de tal propriedade, é aquela de ser idêntico a seu objeto”. Um signo é um ícone se ele se assemelhar ao seu objeto.

PITAGNARI (Apud GOMES, 1997, p. 48) simplifica as distinções:

“Ícone, quando possui alguma semelhança ou analogia com seu referente. Exemplos: uma fotografia, uma estátua, em esquema, um pictograma.”

Hipoícone

SANTAELLA chama atenção para as simplificações que a obra de Pierce normalmente é tomada. A autora apresenta uma diferença estabelecida por Pierce, entre ícones e signos icônico, que indica que:

“...embora os signos icônicos sejam, sem dúvida, quase-signos, se comparados com as formas mais próximas da genuinidade, tais como as exibidas pelo símbolo, eles já funcionam como signos, isto é, intentam ou professam representar algo. Trata-se de um tipo de representação frágil visto que a mediação estabelecida por meio de comparações tem sempre uma natureza hipotética, em maior ou menor grau, podendo, por isso mesmo, ser facilmente contestada.” (PIERCE ,apud SANTAELLA, 2000, p.119)

Pierce apresenta três tipos de hipoícones ou signos icônicos que já agem propriamente como signos porque representam algo. São eles: a imagem propriamente dita, o diagrama e a metáfora. SANTAELLA continua “ Infelizmente , tornou-se lugar comum se tomar todos e quaisquer tipos de imagens, inclusive a fotografia (dominantemente indicial) como ícones *tout-court* , o que leva a uma simplificação abusiva que pouco tem a ver com as noções peircianas de ícone e signos icônicos.” (2000, p. 119)



O estudo de Pierce sobre ícone é minucioso. Ele estabelece uma divisão do ícone em ícone puro e ícone atual e SANTAELLA organiza a questão da iconicidade em níveis (2000, p.110-120). Mas no momento não aprofundaremos o tema, pois teremos que dar continuidade em outros pontos.

É importante perceber que mesmo os autores que seguem com o pensamento de Pierce, por vezes simplificam suas idéias para que o entendimento do assunto (que é complexo) seja compreendido com maior facilidade.

Índice

Segundo SANTAELLA (2000, p.121) os índices são os tipos de signos que podem ser mais fartamente exemplificados.

“Diferentemente dos ícones que, para funcionarem como signos, dependem de hipotéticas relações de similaridade, também diferentes das abstrações gerais que comandam o universo dos símbolos, os índices são propriamente sin-signos com os quais estamos continuamente nos confrontando nas lidas da vida....São índices: termômetros, cataventos relógios, barômetros, bússolas, fitas-métricas, o furo de uma bala fotografias, o andar gingado de um homem (índice de marinheiro) uma batida na porta, os olhares e entonações da voz de um falante...”

PITAGNARI exemplifica: “Índex ou Índice, quando mantém uma relação direta com o seu referente, ou coisa que produz o signo. Como chão molhado, indício de que choveu; pegadas, indício de passagem de um animal ou pessoa; uma perfuração de bala, uma impressão digital, etc.”

SÍMBOLO

SANTAELLA (2000, p.132) define o símbolo:

“O símbolo é um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que ele é portador e a função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interpretante... O símbolo, é em si mesmo,

apenas uma mediação, um meio geral para o desenvolvimento de um interpretante. Ele constitui um signo pelo fato de que será usado e interpretado como tal. É no interpretante que reside sua razão de se signo. Seu caráter está na sua generalidade e sua função é crescer nos interpretantes que gerará”.

Iremos recorrer novamente a PITAGNARI que explica: “Símbolo, quando a relação com o referente é arbitrária, convencional. As palavras, são símbolos. Quando eu pronuncio os fonemas correspondentes a mesa, por exemplo, o som complexo que emito designa um determinado objeto por convenção estabelecida. Já a palavra escrita- mesa- que representa aqueles fonemas, inclui-se entre os símbolos por se tratar do signo de um signo, como observa Charles Morris”.

O autor chama atenção para certos signos que participam de uma natureza dupla ou até tripla, como o caso da cruz, que superpõe-se ao seu significado icônico primeiro (instrumento de tortura) passando para um referente simbólico dominante (símbolo do cristianismo). Outro exemplo é a impressão digital, que segundo o autor, é um signo do tipo indicial-icônico, mas participa também do símbolo quando utilizada como marca de uma empresa gráfica (PITAGNARI, apud GOMES, 1997, p. 49).

O que tentamos fazer até aqui, foi situar o leitor, no sentido de mostrar a complexidade dos estudos sobre os signos. O breve panorama apresentado apenas tenta elucidar algumas questões sobre o estudo da Semiótica. Por um lado buscando na complexidade dos textos de SANTAELLA evitar a simplificação do trabalho de Pierce, e por outro lado buscando a simplificação no texto de outros autores para o melhor entendimento do leitor. Outros pontos sobre os signos não verbais deverão ser abordados mais adiante.

Tentaremos trazer elementos teóricos, que auxiliem na análise qualitativa de signos não verbais – A Imagem - na tentativa de diminuir o que os autores chamaram de “pesadelo didático”.

DIRECIONAMENTO E TENDÊNCIAS DA SEMIÓTICA DA IMAGEM

Segundo SANTAELLA e NÖTH (1998, p.34), uma semiótica da imagem teve início nos trabalhos sobre semiologia estrutural. Roland Barthes desenvolveu sua própria semiótica



da imagem baseado em Saussure e Hjelmslev. Com maior influência de Hjelmslev, orientam-se os trabalhos de Lindekens sobre a fotografia. Outros princípios diferentes da tradição semiológica são seguidos por Marin, Thibault-Laulan, Porcher e Baticle. Uma semiótica da imagem com fundamento na semiótica funcionalista da Escola de Praga é esboçada por Veltrusky. Deledalle aplica as categorias da semiótica geral de Peirce na análise da imagem. Outros autores trouxeram contribuições importantes como a sócio-semiótica funcional de M..A.K Halliday e o trabalho de Sonesson.

Já apresentamos alguns pontos sobre o signo e a semiótica de Peirce. Traremos um exemplo de análise semiótica de imagem.

A ELOQUÊNCIA DAS IMAGENS EM VÍDEOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Lucia Santaella (2002, p.110-134) apresenta um exemplo de análise semiótica de uma amostra de 35 vídeos. Foram produzidos vídeos destinados à educação ambiental para o Instituto Ecoar para a Cidadania. O instituto tem por objetivo desenvolver projetos educacionais e de produção agroflorestal voltados à sustentabilidade em sentido amplo.

Segundo SANTAELLA, o fato da produção apresentada estar dentro do gênero videodocumentário (porque são predominantemente informativos), e ter um suporte videográfico, dá a esses documentos informativos, características semióticas que merecem ser destacadas.

No livro “Imagem – cognição, semiótica mídia” (SANTAELLA e NÖTH, 1999, P. 157-186), os autores postulam a existência de três paradigmas no processo evolutivo de produção da imagem: **o paradigma pré-fotográfico** (incluem todas as imagens produzidas artesanalmente como desenho e pintura), **o fotográfico** (todas as imagens produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível, como a fotografia, cinema e TV) e **o paradigma pós-fotográfico** (incluem as imagens sintéticas ou infoográficas, calculadas por computação).

A autora comenta:

“Os vídeos como se pode ver; pertencem ao segundo paradigma. Suas imagens são frutos do registro de coisas, eventos ou situações de fato existentes. Por isso mesmo, o vídeo

se presta com bastante propriedade à documentação informativa. Aquilo que está nele retratado existe na realidade.” (SANTAELLA, 2002, p112)

SANTAELLA através das considerações de Roland Barthes acerca do poder referencial da fotografia, carrega para o vídeo a sua importância de ter o mesmo caráter referencial. Barthes considera a referência a ordem fundadora da fotografia, é “o real no estado passado: simultaneamente o passado e o real”.

A autora destaca que o videodocumentário insere-se na tradição dos sistemas de signos que nascem da mistura entre linguagem verbal e imagem, caracterizando-se, portanto, como uma linguagem híbrida, como o cinema e a televisão.

A ANÁLISE DO VÍDEO *AR*

O vídeo escolhido como exemplo de análise se chama *Ar*, produzido em 1990, tendo como público-alvo alunos da rede pública estadual.

O vídeo tem por objeto uma carta que uma jovem vai escrevendo para alguém, (não se sabe quem) enquanto o vídeo vai transcorrendo. A autora comenta:

- Tem-se aí um, portanto, com muita clareza, um signo dentro de um signo (vídeo).
- A carta que a jovem escreve é um signo do desejo que ela tem de denunciar as tristes condições do ar na cidade em que ela habita.

- O objeto deste signo-carta não é, portanto apenas a situação deplorável do ar na cidade, conforme as imagens e a fala meiga, mansa e triste, em voz em *off* da garota vão indicando, mas o objeto está, ao fim ao cabo no desejo que essa garota tem de chamar a atenção para as conseqüências nefastas da poluição sobre o ar que respiramos.

- O efeito que essa carta está apta a produzir nos espectadores do vídeo é o interpretante do signo-carta, e esta funciona como mediadora entre aquilo que a jovem deseja transmitir a quem lhe vê e ouve e o efeito que esse desejo produz nos espectadores através da carta.

- Essa estratégia da carta dentro do vídeo ganha em eficácia para o interpretante, na medida em que o desejo de denúncia da jovem tem muito mais apelo para os intérpretes do que teria a simples documentação das impurezas do ar acompanhada de uma fala informativa.



Segundo a autora, esse exemplo deixa bem à mostra o fato de que os efeitos interpretativos dependem diretamente do modo como o signo representa seu objeto.

“Essa questão permite que entremos nos interiores dos vídeos. Para isso, devemos lembrar que, por ser triádico, o signo permite uma abordagem em três faces. A face da relação do signo com aquilo que ele representa, que estaremos aqui chamando de **face da referência**. A face dos caracteres internos do signo e da maneira decorrente com que ele significa seu referente será aqui chamada de **face da significação**. Por, fim, a face da relação do signo com o interpretante é chamada de **face da interpretação**.” (2002, p.116)

Continuando a análise:

A face da referência

- Todos os 35 vídeos da amostra falavam sobre educação ambiental. Todos possuem uma referência que lhes é comum: a sobrevivência da vida na terra, do próprio planeta como ser vivo.

- Os referentes podem aparecer no vídeo de **modo qualitativo**.

- Os chamados quali-signo, podem aparecer nos vídeos examinados na qualidade das tomadas, dos enquadramentos, dos pontos de vista, no tom do discurso que acompanha a imagem, na qualidade da voz, entre outros.

- Os referentes podem aparecer no vídeo de **modo existencial**.

- Os chamados sin-signo são cada um dos vídeos da amostra examinada, pois são existentes com características que lhe são próprias.

- Os referentes podem aparecer no vídeo de **modo genérico**.

- O chamado legi-signo é uma lei que é um signo. No caso das análises dos vídeos em questão, todos se enquadram na classe videográficos, e dentro desta classe, quase todos se enquadram no gênero informativo educacional porque possuem certos princípios, regras, enfim, leis que delineiam este gênero.



A face da significação

Os três modos expostos anteriormente também vão determinar os aspectos através dos quais o signo pode significar seus objetos ou referentes.

- **O aspecto icônico** aparece quando se leva em conta apenas o lado qualitativo do signo. Este aspecto aparece mais na fotografia mas pode aparecer no vídeo quando remete às semelhanças de qualidade, semelhanças formais entre o referente tratado e o modo como o vídeo o retrata.

- Câmeras em movimento por exemplo, retratam melhor a água que corre, do que câmeras paradas.

- **O aspecto indicial** aparece nos vídeos, como nas fotografias. Os vídeos são partes da realidade que retratam. Na documentação informativa aquilo que está neles retratado existe na realidade. É um signo que denota.

- **O aspecto simbólico** aparece no vídeo, principalmente no discurso verbal.

- A fala cumpre o seu papel de meio prioritariamente informativo, transmitindo o poder dos números, das estatísticas e fixando valores.

- Os valores que se buscam fixar são os valores da vida e de sua preservação, não apenas da vida de cada indivíduo, mas da vida em sentido genérico, naquilo que a constitui, a natureza.

A face da interpretação

Para entendermos a noção de interpretante, isto é, aquilo que o signo produz como efeito em uma mente potencial ou atual, teremos que considerar que o interpretante tem três níveis de realização:

- **O interpretante imediato** é o potencial interpretativo do signo antes que o signo encontre um intérprete em que esse potencial se efetive.

- Nos vídeos, a determinação do público-alvo é, na realidade, uma expressão do interpretante imediato.

- **O interpretante dinâmico** se refere ao efeito efetivamente produzido em um intérprete pelo signo.



- Ao atingir o intérprete, o signo pode produzir três tipos de efeitos: o **emocional** (despertar sentimentos), o **efeito energético** (provocar reação ativa, esforço físico, ou intelectual) e o **efeito lógico** (neste caso, avanço do conhecimento sobre o meio ambiente e na conscientização do receptor).

- O **interpretante final** se refere ao resultado interpretativo ao qual todo intérprete está destinado a chegar se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o suporte teórico

Tentamos trazer para o leitor, algum suporte teórico sobre a questão do signo e da semiótica, sem o qual dificultaria o entendimento das categorias de análise semiótica, utilizadas para a imagem em vídeo.

Com certeza, muitas lacunas ficaram abertas, em função da complexidade do tema. Trouxemos apenas alguns pontos importantes estudados por Lucia Santaella e outros autores que se fundamentam ou se referem a Pierce.

Lembramos que o foco de nosso estudo está no não verbal, embora, normalmente a linguagem verbal (oral e ou escrita) acompanhe a linguagem não verbal e por isso não pode ser abandonada.

Sobre a análise semiótica de imagens

Na análise semiótica dos vídeos de educação ambiental, Lucia Santaella chama a atenção para o interpretante dinâmico. Segundo a autora, qualquer vídeo de educação ambiental deveria como objetivo último produzir sentimentos singelos e simples de amor holístico pela vida na Terra, de sentimentos que levam o indivíduo a abraçar o coletivo. É necessário comprometimento ético para que alguma lição de moral possa funcionar.

A autora recorre a estética filosófica desenvolvida por Pierce, para traçar alguns pontos de análise. De qualquer forma, o vídeo não pode realizar sozinho a tarefa “educativa e emancipadora”. Todo vídeo (com este cunho) deve ser contextualizado.



A autora traz exemplos interessantes e aspectos teóricos que podem auxiliar uma pesquisa com análise semiótica, sem que esta, caia apenas na intuição e no perigoso “achismo” do analista.

Sobre a experiência de utilizar a linguagem não verbal na pesquisa em Educação

Muitos educadores ainda não possuem suporte teórico para trabalhar o não verbal em sala de aula. Temos visto professores utilizarem imagens e filmes, por exemplo, o cinema em videocassete – que dentro do processo evolutivo da imagem - está classificado no paradigma fotográfico.

Muitas análises de filmes utilizados em sala de aula, podem encontrar um suporte na Teoria dos Signos, pois estas análises geralmente dialogam :

Com o referente – temas abordados pelos filmes, os modos: qualitativo, existencial e genérico que estes referentes aparecem nos filmes.

Com a face da significação – aspectos icônicos, indiciais e simbólicos dos filmes.

Com a face da interpretação – com o interpretante imediato e dinâmico. Principalmente no efeito lógico do interpretante, ou, seja, no avanço do conhecimento sobre os temas trabalhados.

Trabalhar com cinema é trazer para muitos alunos, a possibilidade de contato com um “mundo de percepções” (ZENDRON, 1995) que talvez sozinho, ele não tenha condições de tomar consciência. A imagem tem contato direto com a emoção e a emoção aguça a discussão.

Embora ainda não tenhamos uma vasta literatura sobre o assunto, a utilização do signo não verbal na pesquisa em educação é uma realidade. Talvez ainda de forma intuitiva, como assume Rute Coelho Zendron (se referindo ao início de seu trabalho com os filmes em sala de aula). O que acontece, é que muitos pesquisadores ainda não conhecem a Teoria dos Signos, ainda não tomaram conhecimento que a linguagem não verbal está presente no mundo moderno, nos corredores das escolas, nas cantinas e nas salas de aula. Hoje, o aluno nasce num “mundo semiótico”, num mundo da percepção do que não está escrito e falado, num mundo do traço, da cor, da luz, da sombra, do volume. E neste sentido, a semiótica pode nos trazer grandes contribuições.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin e GASKELL, George (editores); tradução de Pedrinho A Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença Lda, 1990.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

.....**A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

.....**Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

ZENDRON, Rute Coelho. **História e Cinema em videocassete: A construção de uma experiência didática**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação – Ensino Superior da Universidade Regional de Blumenau. Blumenau,- SC, 1995.